

O Senador Pompeu

Hugo Catunda

Mas a política rondava enleante . . .

DA REGÊNCIA à Maioridade, abriu-se, definitivamente, o ciclo ruído dos partidos.

Antes, a opinião dispersa, sem condutores, flutuava no tumultuar das paixões, na instabilidade e na confusão, ora entre “moderados” e “exaltados”, alentando o saudosismo dos “restauradores”, que maquinavam à volta do primeiro reinado, ora fustigando a reação dos “nativistas”, que se nutriam, extremados, no ódio jacobino. Era a “parada dos equívocos”, a *journée de dupes*, como os qualificou, num gracejo analítico, a facécia de Teófilo Otoni.

A Regência fôra um período de exaltações, de lutas, de transbordamentos, através dos quais, entanto, se fez a ratificação da Independência. A estabilidade veio, a final, com a Maioridade. O País entrava na posse de si mesmo. Tomava a consciência do seu governo, o sentido claro dos seus destinos. Afirmava-se, por outro lado, o regime de opinião, que teria de se exercer pelos órgãos expressivos da vontade coletiva. Chegava a oportunidade histórica dos partidos. Impunha-se, agora, coordenar as aspirações populares, nuclear e disciplinar as forças cívicas da Nação, para o exercício do sufrágio. A democracia representativa ia entrar, definitivamente, na sua fase dinâmica. Perdia, o clima político, as inconstâncias da sua evolução inicial e definia a sua característica. Fixavam-se, em fim, joeiradas, inconfundíveis, as suas antípodas ideológicas. Dois partidos arregimentados e fortes — o liberal e o conservador — desfraldavam a bandeira dos seus ideários, recrutando as forças eleitorais para os grandes prêmios memoráveis. A política era, então, num país ainda carecido de ambiente para as outras atividades do intelecto, o largo cenário aberto aos que ambicionavam as glórias do renome, o brilho das posições. Ainda por isso, o movimento partidário a tudo dominou e envolveu, com a força irresistível dos caudais. Na planície, estava o corpo eleitoral anônimo e aguerrido, e nêle se firmava o prestígio da aristocracia rural, faustosa e conservadora. Nos

cimos, estadeavam os valores mentais, a mocidade possuída do espírito de Voltaire, de Rousseau, dos que tomaram o "vão do século" pela rota de uma nova filosofia política, que se abria em promessas líricas e sedutoras, de um liberalismo renovador e fecundo. Mas a torrente chegava até lá. E os moços, a aristocracia da inteligência, colhidos pelas extravasações da maré cheia, mobilizavam-se e vinham também disputar postos avançados nas linhas de frente, sob as flâmulas partidárias.

Nessas duas tradicionais agremiações militantes do Império, repousavam os centros de agitação e refinamento das tendências políticas do regime. Os liberais, de orientação revolucionária, pregoeiros de reformas avançadas de sentido ultra-democrático, tomavam, porém, quando no govêrno, o censo de uma moderação relativa, procurando adaptar o Império aos moldes evolucionistas de um sistema que entendiam melhor interpretar a realidade social. O partido conservador era a tradição, o passado que se prolongava no presente. Reacionário, por princípio, queria sentir, antes, a emoção dos problemas, deixando que êles amadurecessem no exame e na crítica, onde os exageros lhes seriam decepados, para que se fixasse, em fim, a linha média das idéias. Ante o papel que ambos desempenharam, não vacila o juízo da história. Por que êle foi decisivo no reajustamento do sistema parlamentar, na consolidação das normas do govêrno constitucional representativo, na defesa aos cânones das liberdades públicas. Historicamente rivais, intransigentes na luta pela vitória dos princípios que lhes demarcavam as fronteiras, jamais perderam a compenetração idealística das responsabilidades comuns na obra de conjunto que foi o amparo vigilante à integridade do estado unitário. E assim, sob o sistema de centralização, êles conservaram, por mais de meio século, a unidade espiritual e política do Brasil, reagindo até contra a fatalidade do meio cósmico, contra a ação desintegradora dos fatores geográficos, num país de imensa base física, assinalada por sensíveis diferenciações na sua natureza, no seu clima, nas suas condições existenciais.

Mais tarde, a República de 89 destruiria com descentralização, com a hipertrofia do estadualismo, tódo êsse monumento de estabilidade política, fragmentando-o em lutas e choques de hegemonia, de preponderância regionalista.

* * *

No Ceará, as posições estavam definidas. De um lado, os liberais (*ximangos*), sob a chefia do senador Alencar, solidificavam o seu prestígio com a colaboração de Manuel do Nascimento Castro e Silva, depois senador e ministro de estado, José

Mariano de Albuquerque, Vicente Ferreira de Castro, major João Facundo de Castro Meneses e o capitão-mor de Sobral, Francisco de Paula Pessoa. Vinham de uma tradição de glórias e sacrifícios, purificada no sangue generoso de Tristão Gonçalves, de Mororó, de Pessoa Anta. A inolação dos mártires republicanos de 17 e 24 ficara na memória dos tempos, assinalando o marco inicial da grande jornada. A linha que dali partira, fraguosa e incerta, se definiu, depois, e se acentuou no ritmo da continuidade histórica, e, em tôda a sua extensão, expluiu, numa floração imortal, a sementeira fecunda do liberalismo. Na extrema oposta, estavam os conservadores (*carangueijos*), de origens mergulhadas na resistência aos surtos malogrados da ortodoxia democrática, no apoio ao absolutismo cesarista da velha realeza, ainda agora refletido na preconização do sistema de unidade política, em loas ao prestígio do "poder moderador", enfeixado na intangibilidade do *fétiche* real. Congregavam-se à sombra larga dos Fernandes Vieiras, opulentos e numerosos, sob a égide do Visconde do Icó, patriarcal e rústico, ufanoso dos seus bacharéis de Olinda, dos quais Miguel Fernandes Vieira, depois senador, intelectualmente tomava o ascendente deliberativo nos conselhos do partido. Ao lado de Antônio José Machado e do padre Antônio Pinto de Mendonça, completava a grande ala conservadora a combatividade omnímota de Antônio Rodrigues Ferreira — o Ferreira Boticário, — também partidário de Maquiavel, realista e tenaz.

Atingindo o apogeu das fôrças organizadas, os partidos se tornaram extremamente sensíveis às mais brandas oscilações dos seus interesses domésticos. Na partilha dos prêmios às dedicações, rareavam as renúncias e abundavam as ambições. Quando, à meia luz das combinações, surgiam divergências sôbre o mérito das pretensões, rompiam os deuses no Olimpo. Quebravam-se, não raro, os laços da solidariedade tradicional, e a pujança das agremiações periclitava no terreno acidentado das discórdias. Da direção suprema dos liberais e conservadores históricos, guardando o colorido político das origens, se afastavam os elementos divergentes e se agrupavam em ligas ocasionais e efêmeras, para a luta das reivindicações comuns.

Em 1844, a política cearense atravessava uma dessas crises internas. Divergências surgidas no seio dos conservadores motivaram a defecção do coronel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, padre Pinto de Mendonça, Albuquerque e Soares da Silva. A dissidência formou o grupo *equilibrista* e uniu-se aos liberais, para as justas das eleições gerais, com que se ia fazer a recomposição da câmara temporária, dissolvida pelo Imperador, sob inspiração do gabinete Almeida Tôrres. Prestigiados pela po-

lítica ministerial, nem por isso as urnas lhes asseguraram a vitória. O presidente da província, brigadeiro José Maria da Silva Bitencourt, traíra a confiança da nova situação e, à puridade, fizera causa comum com os conservadores. Estavam explicados os êxitos espetaculares da oposição. Mas a coligação não capitulou ante a surpresa da derrota. A reunião de forças preponderantes no parlamento era uma condição vital para a execução do programa com que se instalara o governo, sob a chefia do futuro Visconde de Macaé. O imperativo que assim se criara aos interesses administrativos do gabinete reanimava as esperanças dos elementos vencidos. Do alto, Prometeu ainda roubaria o fogo sagrado para comunicar a vida às imagens da sua criação. E assim foi. Os candidatos depurados recorreram contra a validade das eleições, que, a final, foram anuladas. Pela segunda vez, em 1845, os partidos da Província se guerreavam à bôca das urnas. E a aliança liberal-equilibrista, elegendo a sua chapa integral, tomou ao adversário os tentos da vitória.

Na fórmula agora vencedora, Tomaz Pompeu ocupava o primeiro lugar, como suplente de deputado. Fazia, nessa eleição, o seu auto de fé, ingressando na política militante. Liberal de princípios e convicções, vivera, porém, até ali, à margem da esfera contenciosa dos partidos. Fizera, à parte, o seu mundo, a sua vida, — do gabinete de advocacia para as eminências da cátedra. Sempre lhe parecera que o estudo e a meditação bastariam à satisfação dos seus ideais. Na leitura, o pensamento alto contemplava a beleza dos clássicos, o esplendor helênico, os ritmos inspiradores da poesia mística dos salmos. Buscando a interpretação das filosofias indagadoras, das ciências da revelação positiva, vivia, no seu espírito, o desejo de crescer, de se dignificar pelo culto da sabedoria lustral. Muitos tempos depois, voltado para a serenidade do seu passado, trai-se nesta lamentação: «com o gôsto que tenho pelas letras e as ciências pacíficas, é uma contrariedade a essa natureza a luta partidária em que me tenho empenhado por tantos anos». (Carta a J. Brígido, 1880.)

Mas a política rondava, enleante, farta de seduções e promessas, tecendo a rêde dos fios invisíveis. Para muitos, para a inquietude dos moços, sobretudo, ela passava como os momentos excepcionais da vida, como os instantes transitórios da Fortuna. O tempo que fluía lhes parecia de breve duração. Como na balada de Richepin, êle era o galgo que fugia, veloz, sem parar, nem cessar.

« Quando as flôres da *sakura* (cereja) tiverem desaparecido, as tuas saudades jamais as farão voltar; se queres colhê-las, colhe-as hoje, por que amanhã será tarde de mais.»

Tomaz Pompeu terá penetrado, com intuição viva e mo-

mentânea, o sentido filosófico do apólogo oriental. E sentiu, como uma transfiguração, a emoção dos deslumbramentos. Na sua personalidade, despertava, agora, uma nova vocação. A vocação da política.

No jardim, cheio de rosas e espinhos, onde via, como na magia de um encantamento, desdobrar-se a perspectiva do seu novo ideal, êle penetrava e colhia, ainda viçosa e esplendente, a flor simbólica da *sakura*.

Era a flor do seu destino . . . (*)

(*) Capítulo de um livro em preparo sôbre o senador Tomaz Pompeu de Sousa Brasil.